

letramiúda

Para quem gosta de ler nas entrelinhas - número 2 - outubro 2023



02

sobre
tudo

nota das
editoras

Nossa teia de palavras e cores

O lançamento de um projeto sempre tem cheiro de sonho. Foi assim com a primeira edição da nossa revista. Um misto de “viva, conseguimos!” com o frio na barriga que vem com “e agora?”. O segundo número é diferente. Já sorrimos à toa, já comemoramos a ótima receptividade e agora temos que nos desvendar. Dissipar a atmosfera de suspense e fincar as tabuletas que dizem a que viemos.

A Letra Miúda é uma revista literária idealizada e produzida por mulheres. Aqui falamos sobre literatura escrita para adultos e para crianças, batemos papo sobre o que nos inquieta, indicamos o que gostamos de ler e conversamos com quem está no mercado produzindo.

Nossas colunistas chamam para uma conversa olho no olho em crônicas intimistas e artigos que nos fazem parar para (re)pensar. E os autores convidados compartilham emoções e contratempos em prosa e verso.

É incrível ter você por aqui reforçando essa teia de palavras e cores que nos conecta. Temos certeza de que trocaremos boas ideias. Esquenta o café, puxa a cadeira e vem (vi)ver o que preparamos para você.

Fernanda Baroni e Natália Fonseca



Nos conhecemos (virtualmente!) há poucos anos, mas nos descobrimos irmãs de outras vidas. Somos defensoras entusiasmadas da diversidade em todos os aspectos da existência, apesar de quase sempre nossas opiniões serem bem parecidas. Compartilhamos o amor pela Literatura, a editoria desta revista e o sonho de um dia cruzarmos um oceano para, finalmente, nos abraçarmos pessoalmente.



sumário

06 Alto até o céu

Fernanda Baroni apresenta o livro de estreia de Natália Fonseca. Ilustrada por Rogério Neves, a história nos leva para um passeio fantástico ao lado de uma pequena aventureira. Nas entrevistas, os autores compartilham seus processos de criação, expectativas e alegrias com o lançamento.

12 Prosa e Verso

A ausência mais dolorida e uma presença que aos poucos se esvai em dois contos sensíveis. Polyanna Gomes (Bonecas de Pano) e Natália Fonseca (A ausência) expõem as tristezas e o conforto que trazem as memórias.

14 Pede deferimento

As histórias do passado podem parecer, muitas vezes, difusas e amorfas. Mas elas tiveram nomes, rostos e, quase sempre, um triste fim. Verena Alberti nos leva para mais um passeio além do tempo.

16 Eu queria que todos pudessem ler

Nesta edição, Erica Rabbeljee fala sobre a coragem e a resiliência de Carolina Maria de Jesus, uma mulher preta que se fez escritora. Uma leitura forte, tocante, que forma, transforma, atravessa, revolta e fortalece.

18 Mediação de leitura

Érica Montenegro nos lembra que livros podem ser como portais. Muitas vezes, com guardiões, em forma de mediadores de leitura, prontos para revelar histórias, construir olhares e partilhar afetos.

20 Ler para ver

Um livro ilustrado? Ou um livro sem figuras? Cristina Ferreira nos apresenta um livro que desafia conceitos e uma mediação que une crianças e suas famílias em um momento de diversão, exploração e boas gargalhadas. TOING!

22 Por que escrever?

Viviane Lucas nos convida a conhecer seus pensamentos. Numa conexão com as palavras do escritor Rainer Maria Rilke, os dois deixam no ar algumas perguntas: a brutalidade dos fatos reais te impede ou te impulsiona a escrever? Você morreria caso fosse proibido de escrever?

24 Depois de tudo, tem mais

Lembranças, decepções e deslumbramentos, términos e recomeços. Puxa uma cadeira, passa um café e vem pensar sobre os movimentos da vida com a Nanda Guimarães.

26 Prosa e Verso

Como nascem os amores? Com que fios são tecidos? Com palavras doces e habilidosas, Graziela Honorato (A roca) e Cidinha Ribeiro (Tessituras) costuram imagens e caminhos possíveis para o amor e a vida.

28 A Bela e a fera

O belo e o monstruoso, o bem e o mal, o justo e o injusto cabem todos na Literatura. Suelen Viana nos convida a pensar sobre como um conto clássico pode nos levar a uma viagem que entrelaça Literatura, cinema, observação e boas conversas.

30 Mãe guerreira

Nesta crônica, Raquel Cesário fala sobre a mulher mãe. A que tem mil papéis. A que encaixa mais um compromisso sim. Mais uma responsabilidade. A que dá um jeito. A ma-labarista. A que dá conta de tudo. Até que não dá.

32 Primeiros passos

Como nasce um livro? Como ser publicado pela primeira vez? Como encontrar uma editora? Bárbara Anaissi traz diferentes olhares, considerações e conselhos para o autor em desespero!

35 Prosa e Verso

Más decisões, amargura, desencantamentos, decepções e aquele momento em que tudo começa a desmoronar bem na sua frente. Tiago de Souza (2012) e Valéria Borges (Retrogosto do gim) nos presenteiam com finais inesperados.

36 Uma carta tão longa

A voz feminina na Literatura negro-africana. O olhar de Dayane Teixeira sobre o livro Uma carta tão longa, da senegalesa Mariama Bâ, e como ela e outras autoras têm contado as próprias histórias, quebrando estereótipos e abrindo caminhos.

40 Uma escritora na ilustração

A expressão artística pode ter muitas formas. Acostumada a brincar com as palavras, Leila Fernanda Arruda conta como lentamente está abrindo um novo caminho entre cores, traços e pincéis.

42 Deixa o novo entrar

Fernanda Godinho faz um convite para revisitar 2023 com ternura e tomar impulso para aterrissar com o pé direito no que a vida nos reserva.

Alto até o céu

Livro de **Natália Fonseca** e **Rogério Neves**

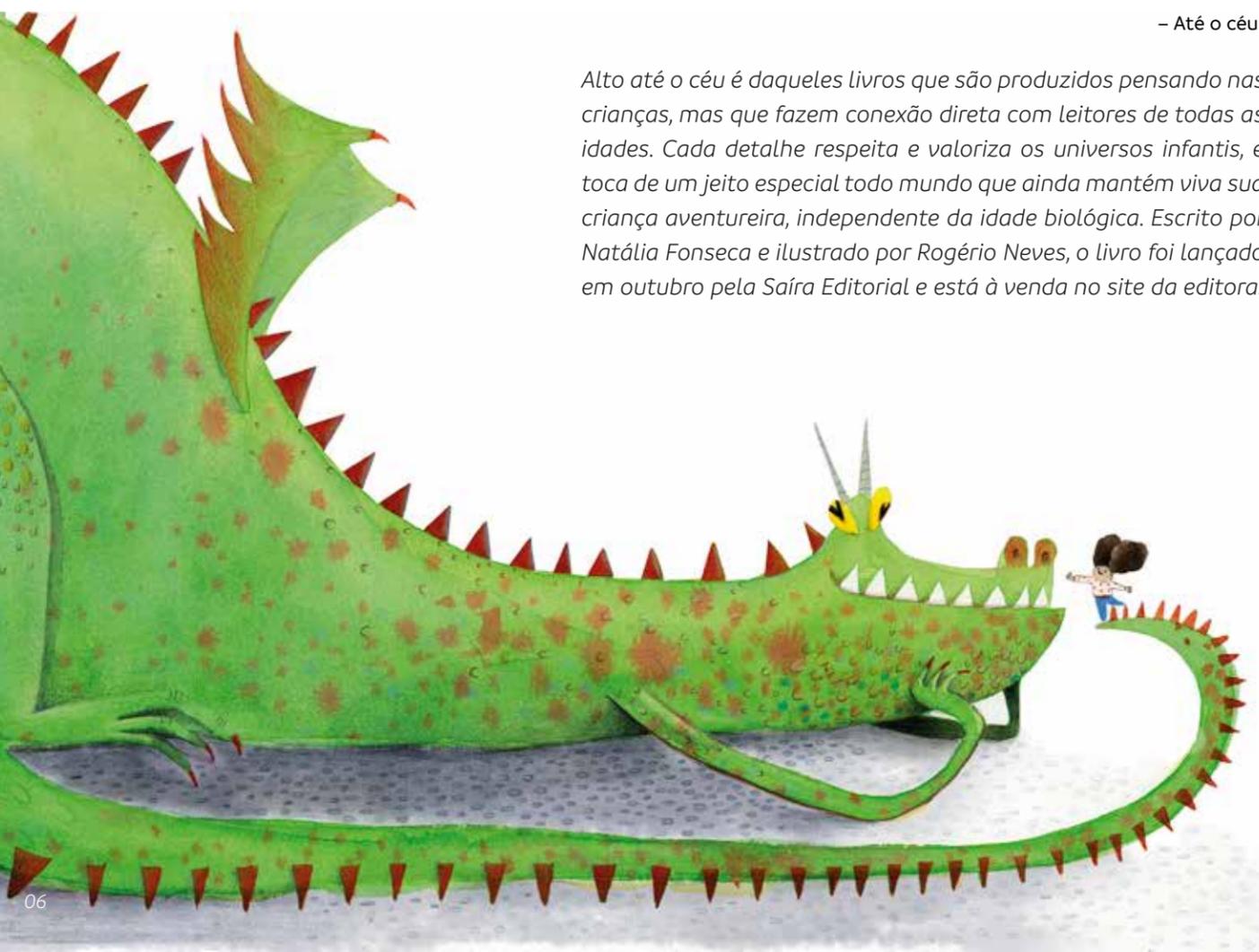
tem cheiro de infância

– Mãe, me balance bem alto?

– Bem alto quanto?

– Até o céu!

Alto até o céu é daqueles livros que são produzidos pensando nas crianças, mas que fazem conexão direta com leitores de todas as idades. Cada detalhe respeita e valoriza os universos infantis, e toca de um jeito especial todo mundo que ainda mantém viva sua criança aventureira, independente da idade biológica. Escrito por Natália Fonseca e ilustrado por Rogério Neves, o livro foi lançado em outubro pela Saira Editorial e está à venda no site da editora.



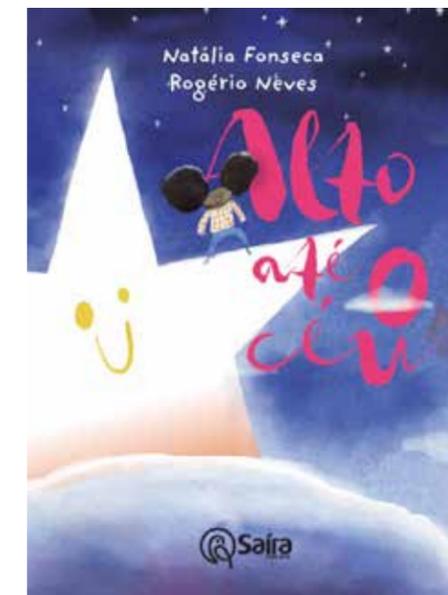
Conversando com os autores é fácil perceber a fluidez que faz com que as narrativas textual e visual se complementem de forma tão rica. A liga entre os dois é quase palpável, mesmo antes deles começarem a falar sobre o processo que uniu a escritora mineira que vive no Canadá ao ilustrador paulistano.

*“Enviei a história por e-mail para três editoras e a Saira me respondeu dizendo que queria publicar. Fiquei muito feliz! Quando falamos sobre o contrato, eles se mostraram abertos a receber indicações de ilustradores. Conversando com o Jonathas Martins, que ilustrou a coletânea *Quantas portas cabem numa porta?* (Ed. Casa do Lobo, 2022), da qual faço parte, ele me sugeriu o Rogério. Fiz o contato. Ele adorou o texto e eu amei as ilustrações dele em aquarela. Achei que tinham tudo a ver com a história. Mandeí a dica para a editora e eles gostaram demais.”, lembra Natália.*

Rogério reforça que o vínculo entre os dois foi instantâneo. “Tive uma conexão imediata com a história e com a Natália. O livro ilustrado é uma imaginação compartilhada. O autor me dá um ponto de partida e vou complementando. Gosto muito de textos como o da Natália, que deixam lacunas para o ilustrador preencher.”

Das trocas que deram vida a essa história – que nos leva até o céu da pequena aventureira que só precisa de um balanço para passar ao lado de foguetes e meteoros, chegar até a lua e ficar cara a cara com um dragão – nasceu uma amizade que é alimentada em longas conversas sobre literatura, descobertas e trabalhos novos.

Nas entrevistas a seguir você vai conhecer um pouco mais da Natália e do Rogério e do processo de criação de cada um deles. Com sorte, no final, vai até escutar uma voz doce te perguntando: “E aí? Chegou até o céu?”





Natália Fonseca

@oquelemoshoje

“A história veio de uma experiência com a Clarice, minha filha mais nova, que adorava ir pro parquinho e pedir para balançar bem alto. E ela ficava brincando de trazer coisas lá do céu pra mim. Eu achava tudo muito mágico e pensava que ia ser muito legal se tivesse um livro assim...”

Natália Fonseca é aquela típica mineirinha. Voz doce, conversa boa, olhar atento e sem pressa. Nasceu em Uberlândia, mas, há dois anos, vive com a família em Vancouver, no Canadá. Tradutora, revisora e professora de inglês, ela conta que se aproximou da Literatura Infantil quando engravidou de Cora, sua primeira filha, em 2014. De lá pra cá, a leitora voraz e escritora de diários na adolescência investiu nos estudos e em uma biblioteca de dar inveja a muita instituição, antes de considerar a hipótese de se tornar escritora.

“Comecei a me interessar pelo processo. Queria saber quem escrevia, quem ilustrava, qual era o perfil das editoras. Em 2021 vi o anúncio de uma Oficina Literária com a autora Anna Claudia Ramos e me inscrevi. As trocas criativas que acontecem nas aulas foram gerando ideias para boas histórias.”

A bagagem adquirida nessa imersão foi um dínamo para acender a crença de que a menina que queria ser escritora ainda estava ali. Depois de um conto infantil numa antologia, no ano passado, Natália celebra agora o lançamento de seu livro solo de estreia. Alto até o céu é seu passaporte para o seletto grupo de escritores que sabem falar com e sobre as infâncias com todo o respeito, sensibilidade e profundidade que os pequenos leitores merecem.

Este é o seu primeiro livro. Como surgiu a história?

A história veio de uma experiência com a Clarice, minha filha mais nova, que adorava ir pro parquinho e pedir para balançar bem alto. E ela ficava brincando de trazer coisas lá do céu pra mim. Eu achava tudo muito mágico e pensava que ia ser muito legal se tivesse um livro assim... Então, resolvi colocar no papel. Já estava com a história quase pronta, quando tive-

mos um exercício na Oficina com um tema que fazia conexão. Foi a deixa para eu terminar de escrever e mostrar ao grupo. A história foi super bem recebida pelas outras alunas e a professora disse que, com poucos de ajustes, estaria pronta para mandar para editoras. Isso me despertou a vontade de saber como seria esse processo...

Muitos autores se baseiam em experiências pessoais para escrever textos infantis. Você acha que toda história tem um tom autobiográfico?

A literatura está atrelada ao que a gente vive, mas não está condicionada a isso. Todo o nosso repertório – de literatura, de arte, de vida – faz parte de quem somos e, quando a gente escreve, de alguma forma, tudo está presente. Ainda que você não fale de uma situação específica, não tem como ignorar completamente a vida quando está escrevendo. Eu sou feita de experiências que fazem parte de mim e podem servir de inspiração para iniciar algumas histórias. Mas um texto literário não é um relato. Não funciona simplesmente narrar um fato que aconteceu.

Para quem você escreve?

Sempre escrevi pra mim e, até bem pouco tempo, não tinha a pretensão de mostrar pra ninguém, ou de publicar. Mas se eu for pensar, agora, no sentido de a quem eu gostaria que meus escritos chegassem eu diria que gosto de brincar com as palavras nesse universo que envolve as crianças. Mas a gente não precisa excluir os adultos. Eles podem estar nos mundos das crianças.

Qual seu maior medo como escritora?

Acho que quando sai um livro, existe um medo intrínseco de ninguém ligar, da história não chegar até as pessoas. Acho que não é só um medo, é uma possibilidade. É o tipo de coisa que a gente pensa, e tem que lidar, de alguma forma. Mas medo mesmo, acho que é de não escrever. Por mais que a escrita não seja um processo fácil, diria que algumas vezes é até um pouco penoso, escrever faz parte da gente de um jeito que é difícil de explicar para quem não escreve. Faria diferença pro mundo se eu não escrevesse? Talvez não. Mas seria muito ruim, como se faltasse uma parte de mim.

E seu maior sonho?

Nesse momento de lançamento, pessoalmente, o sonho é que eu consiga publicar outras histórias, que os livros ganhem o mundo, que as pessoas gostem, se sintam tocadas. De uma forma mais geral, envolvendo a literatura e as crianças, meu sonho é que a Literatu-

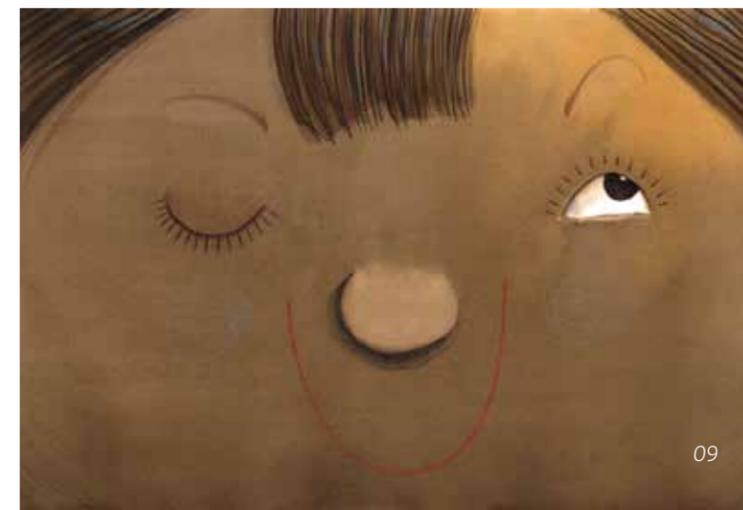
ra Infantil e Juvenil receba mais respeito, atenção, cuidado. Que muitos livros muito bons cheguem para as crianças e para as famílias. Que não sejam vistos somente como instrumentos para ensinar conceitos e lições.

Você tem autores que são referências para sua escrita?

Isso é tão difícil de responder... A cada momento, sou tocada por pessoas diferentes. Mas alguns autores são referências para vida. Focando em quem escreve para a infância e partindo do parâmetro de autores que me impactaram muito na primeira leitura, que me deixaram arrebatada, citaria primeiro a Anna Claudia Ramos, não só pela escrita e a forma com que ela enxerga as crianças e o processo das infâncias, mas por sua generosidade de compartilhar... Acho que pensaria também no Bartolomeu Campos de Queirós, no Maurice Sendak, no Oliver Jeffers, no André Neves, na Komako Sakai, na Erin E. Stead, na Isabel Minhós Martins. A lista não acaba...

O que você diria para quem tem uma história pronta na gaveta?

Todo mundo aconselha: procura um lugar para publicar, mete a cara, vai... e é isso mesmo, se é o desejo da pessoa. Mas, antes disso, acho que vale mostrar o texto e trocar ideia com pessoas em quem você confie, que, de preferência, também tenham ligação com a literatura. Essa troca enriquece muito nosso repertório e, mais do que isso, nos fortalece para trilhar esse caminho. Então, se tem um texto na gaveta, querendo jogar pro mundo, maravilha. Mas, antes de ir pro mundo inteiro, encontre o seu mundinho.





Rogério Neves

@rogerioneves.ilustrador

<https://rogerioneves.com/>

A ilustração sempre esteve pertinho de Rogério Neves. Mesmo durante os 15 anos em que sua atividade principal foi o design gráfico, pincéis e tintas faziam parte do seu dia a dia. “Até bem pouco tempo, a maior parte da minha vivência profissional vinha da formação em desenho industrial. Trabalhei como designer gráfico e diretor de arte em agências, desde que saí da faculdade. Tinha tido algumas experiências com ilustração editorial e, em 2021, resolvi tentar novamente. Fiz um curso, mergulhei na aquarela e aqui estou, fazendo um livro atrás do outro.”

E não é força de expressão. Nos últimos dois anos, Rogério ilustrou 15 livros.

Entre eles está *Alto até o céu*. A narrativa visual, além de belíssima!, é tão consistente que renderia até um livro-imagem. Mas a soma com o texto sensível da Natália Fonseca entrega um livro mais que especial para os leitores. Sorte a nossa!

Você segue um processo para ilustrar um livro?

Meu processo não é único, depende muito da história, da forma como me conecto com ela. Mas sempre tem começo, meio e fim. Para que eu não me perca no processo criativo, delimito alguns espaços de tempo. Quando re-

cebo a encomenda de um trabalho, faço um cronograma reverso, para saber quanto tempo tenho para cada etapa. Começo pela leitura do texto para extrair a narrativa visual. Faço um esboço de toda a história e apresento para a editora. Só depois de aprovado, começo o processo de pintura.



Você desenvolve primeiro os personagens ou o ambiente onde se passa a história?

Depende do livro. No geral, apresento a narrativa completa, mas em alguns (normalmente para livros seriados, com mais de um volume), o estudo do personagem vem primeiro. O início do processo é sempre mais livre. Faço à mão estudos soltos de personagens, de construção de enredo, paleta de cor, composição. Quando o livro começa a aparecer, desenvolvo as cenas no formato digital e apresento para a editora.

Quanto tempo leva para ilustrar um livro infantil?

No geral, de 3 a 4 meses. Parece muito, mas é muito pouco. Em alguns momentos até desesperador. No meu caso, que opto sempre pelo trabalho manual, tem uma série de desafios no desenvolvimento do processo do livro que pouca gente conhece. Depois de ter a narrativa visual aprovada pela editora, imprimo e passo para a folha de aquarela. Pinto tudo à mão, escaneio e volto para o digital, para dar o tratamento final. É bastante trabalho pra pouco tempo.

É normal existir uma interação com o autor do texto ou a ilustração acontece em paralelo?

Acho que depende do porte da editora. Eu sempre peço pra falar com o autor, para saber como surgiu a história, conhecer mais o universo que ele criou. Nas editoras grandes, muitas vezes, essa conversa não acontece durante o processo, só depois. Mas acho que em 90% dos meus trabalhos eu tive contato com o autor. Quando isso não acontece, a gente fica meio no escuro. Na minha opinião, os autores de texto e imagem precisam estar muito conectados.

Qual a relação contratual do ilustrador com a editora?

Não dá pra ser ferro e fogo, num mercado que as coisas ainda são muito difíceis. Mas sempre prefiro fechar incluindo direito autoral. Aprendi que é a aposentadoria do ilustrador.

Como foi a criação de *Alto até o céu*?

Para o *Alto até o Céu* fiz vários estudos da personagem. O fato dela ser negra foi uma solicitação da editora. A partir daí busquei elementos para essa menina que tivessem relação com a história que a Natália construiu. No texto, a Natália não descreve as características físicas e nem psicológicas da personagem. Mas a história nos entrega uma criança esperta, super criativa, destemida, com uma imaginação sem limites. Considerando esse perfil, consegui imprimir características visuais a ela: achei que ela deveria ter um visual mais moderno, cabelo de pom-pom, camisa colorida... Com isso em mente, me conectei com a história e comecei a criar o universo que a Natália descreve no texto.

Como está a expectativa em relação à receptividade do livro?

Tá lá no alto! Recentemente, em função do lançamento de outro livro, fui conversar com as crianças e foi bom demais! Elas fazem comentários espetaculares. *Alto até o céu* é um livro cheio de camadas. Muito bom para os professores explorarem nas escolas. É a cara da Educação Infantil e espero estar perto das crianças com ele em breve.



Fernanda Baroni

Sou jornalista de profissão, mas a relação com a literatura é um amor antigo, que alimento, de letra em letra, desde menina. Em 2022, publiquei contos nas antologias “Quantas portas cabem numa porta?” (Ed. Casa do Lobo), “O vendedor de sofás” (Ed. Ipê Amarelo) e “Entre caveiras, lupas e sótãos” (Selo Off Flip) e lancei o perfil literário @nanacontos_ para compartilhar minha paixão por minicontos. Participo também do @coletivoescriventes e, ao lado da Natália Fonseca, estou realizando o sonho de editar essa revista, que há muito tempo mora em mim.

Bonecas de pano



Ana nunca esqueceu da maestria com que os dedos de Tia Luzia manuseavam o retalho e faziam obra de arte na chita. Aquele pezinho veloz sobre o pedal da máquina ia dando forma ao tecido que depois era preenchido com algodão recém-colhido do roçado.

O momento mais esperado era o de escolher os botões que iam sendo derramados aos montes da lata velha de sardinha. Tia Luzia criava com a facilidade de uma deusa. A máquina de costura ficava no sótão e, ao lado dela, havia sempre uma rede para que Ana pudesse se balançar espionando a tia trabalhar, sentindo o vento frio do nascente que rompia através das janelas, arcos decorativos do palácio da artista.

De repente, nascia mais uma companheira para a vida daquela menina. “Laurinha”, batizava Tia Luzia. A boneca era rechonchuda, tinha olhos de botões coloridos, boca e cabelo de crochê, e um vestido florido decotado. Tia Luzia sempre finalizava sua obra abraçando e dando um beijo “gostoso de lamber minhas crias”, dizia ela gargalhando.

Sempre inventava para suportar os percalços da vida, “bonecas de pano são carregadas de memórias”, filosofava. Fazia daquele sítio um reino encantado onde as bonecas eram exército protetor para Ana, que saía se descambando para todo lugar com sua infantaria.

Ao retornar das brincadeiras, Ana sempre encontrava Tia Luzia em uma ‘siesta’ nordestina: o corpo adormecido na rede e a cabeça enrolada com um paninho branco de algodão. Só acordava quando o gado mugia voltando da margem do açude para também descansar debaixo de um pé de juazeiro. O vento quente do sertão soprava pela porta da sala grande e fazia os cabelos loiros dela alçarem voos derramando um cheiro floral que invadia a casa.

Agora, muitos anos depois, Tia Luzia que se encontrava uma menina, agarrada àquelas bonecas de pano, vivendo sonhos infantis; achando agora ser a rainha da infantaria. Perdida em sua memória, acabou se encontrando no reino que ela mesma criou para as lembranças de Ana.



Polyanna Gomes

Sou paraibana, natural de Patos, interior do estado. Tenho 31 anos, sou jornalista e atualmente moro em João Pessoa, onde trabalho com assessoria de imprensa e comunicação popular. Como escritora, me sinto feliz no campo das crônicas e contos, inventando ou retratando ‘causos’ do sertão da Paraíba. Acredito que a escrita me salva todos os dias e que é preciso muita coragem para (escrever) ser feliz.

A ausência



Quando abriram a porta, veio Farofa correndo, como sempre, receber a família, o rabo enorme indo de um lado a outro. Pulou em Juliana, puxou a camiseta de Lara, se entrelaçou nas pernas da Mãe, trouxe uma bolinha e deixou aos pés do Pai. E então voltou para a porta de entrada e esperou. Olhou para cada um deles, arranhou a porta e se manteve lá, sentada. O rabo balançando cada vez mais devagar, até parar.

Chegando na sala, Lara foi quase automaticamente até a caixa de Lego. Quando a abriu, deu de cara com o dinossauro montado a quatro mãos. Ele a ajudava com as peças bem pequenas. Ele amava dinossauros. Ele amava Lego. Ela amava brincar com ele. Sentiu os olhos ardendo, as mãos e os pés muito pesados. Depois do que pareceram horas, se levantou e foi procurar Juliana.

Juliana estava ao lado da escrivaninha, mexendo nos papéis e cadernos esparramados. Folheou o bloco de desenhos, as pinturas coloridas, as colagens desajeitadas. Naquele que tinha sido seu primeiro caderno de escola, as primeiras tentativas tímidas de escrita. Para sempre aquela seria sua letra. De tamanhos irregulares, um pouco tremida, saindo da linha, os tracinhos do E apontando para o outro lado. Sentiu que a vida toda apontava para o outro lado.

Ouviu a irmã mais nova chamando e foi ler um livro com ela.

Na cozinha, o Pai pensava no jantar. Abriu o armário e veio a lembrança do último aniversário de Martin, em que ele ganhou de um amigo o prato e o copo com seu nome escrito. O Pai sempre achou graça do tanto que ele tinha gostado daquele presente. Por semanas, não aceitou nenhuma outra louça! De olhos fechados, quase conseguia ouvir a voz do filho pedindo por favor, por favorzinho, a gente pode jantar pizza hoje?

A Mãe subiu para tomar banho e se deteve à entrada do quarto. Olhou a cama ainda desfeita, o pijama xadrez embolado com o lençol, a porta do guarda-roupa aberta, os carrinhos esparramados pelo chão, os desenhos grudados com fita adesiva nas paredes. Ela respirou fundo. Muitas vezes. Quis entrar. Não conseguiu. Teve a intenção de fechar a porta. Não conseguiu. Era tão definitivo. Ela achou que nunca mais conseguiria sair dali. Mas arrastou um pé. Depois o outro. Deixou a porta entreaberta e seguiu para o seu quarto.

Quando finalmente se sentaram para jantar, o pensamento de cada um era o mesmo: “como é mesmo que se faz para viver?”

Então se olharam. Se viram. Compartilharam a pizza, as lágrimas, as angústias daqueles últimos dias, a estranheza daquela ausência, todo aquele amor.

Era assim. Não era fácil, não seria logo, nunca seria completo. Mas seria juntos.



Natália Fonseca

Sou a que sempre se sentiu em casa entre os livros. A que hoje é tradutora, mãe, imigrante, bebedora de café. A que fala de livros e infâncias no perfil @oquelemoshoje. A que resolveu ouvir a criança que foi e se dizer escritora, que escreveu *Alto até o céu* (Ed. Saíra), participou da antologia *Quantas portas cabem numa porta?* (Ed. Casa do Lobo). A que não consegue acreditar na sorte de editar essa revista com a Fernanda Baroni. A que ainda faz da Literatura sua casa.



Pede Deferimento

de fato
em fato

um passeio
além do
tempo

Em 2010, meu colega Amilcar Araujo Pereira e eu encontramos, no Arquivo Público de Pernambuco, um documento para nós inusitado: uma petição datada de Recife, 3 de julho de 1874, dirigida ao presidente da província (o equivalente ao governador de estado), que começava assim:

Anna Maria do Espírito Santo, casada com o escravo José, vem requerer e implorar da bondade de S. Exa. se digne conceder-lhe uma passagem grátis para o Rio de Janeiro, a fim de a suplicante ir viver em companhia de seu marido em casa do senhor em cujo poder ele se achar. O marido da suplicante, por intermédio do sr. Barão de Nazareth, foi mandado para aquela província para ser lá vendido e desse modo está a suplicante privada da companhia de seu marido (1).

O fundamento da petição era a “indissolubilidade do casamento (...) garantida por nossas leis civis”. Um documento anexo atestava que o casamento havia sido celebrado pelo vigário de Bonito, distrito de Vitória de Santo Antão, em 2 de junho de 1860. Ou seja, Anna Maria e José (sem sobrenome nos dois documentos) viviam “maritalmente” havia 14 anos.

E o argumento continuava:

depois que apareceram leis expressas proibindo a deportação dos cônjuges escravos tem havido uma multiplicação espantosa de casos dessa ordem (...), e a única razão com que se defendem os exportadores de escravos é dizerem que não se opõem a que o cônjuge do escravo acompanhe a este, mas que, não havendo lei que obrigue o exportador do escravo pagar passagem do cônjuge livre, este deve pagá-la a sua custa.

Na escola, aprendemos que houve um momento na nossa história no qual se intensificou o chamado “tráfico interprovincial”, em que pessoas escravizadas das regiões do então Norte do Império eram vendidas para o Sul, especialmente as fazendas de café.

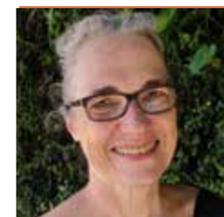
A história de Anna Maria e José torna tudo isso mais concreto e, mais uma vez, cruel: se quisesse viver em companhia de seu marido na casa de seu novo senhor, Anna Maria, como cônjuge livre, teria de pagar sua própria passagem. Ela, contudo, não tinha o dinheiro e, por isso, dirigiu a petição ao presidente da província: “V. Exa melhor que todos sabe, nesse caso, qual é a pobreza e a miséria de pessoas colocadas para pagarem uma passagem(…)”.

O documento se encerra com uma fórmula comum à época: “Pelo que, pede deferimento e receberá mercê.” Não é Anna Maria que escreve, mas alguém (um advogado, talvez) “a rogo” dela. Acima da assinatura, está colado um selo de 800 réis, com a imagem do imperador. Um documento oficial, autenticado, que traz pedaços de uma história pessoal.

Sua data, como escrevi, é 3 de julho de 1874. Na primeira página, logo abaixo do cabeçalho, uma outra letra com outra tinta traz o resultado: “Indeferido. Palácio da Presidência de Pernambuco, 7 de julho de 1874.” Apenas quatro dias depois.



(1) Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - APEJE/PE. Arquivo Permanente. Série Petições. Manuscrito. Petições de Senhores e Escravos - Recife (1851-1885). Volume 02. Página 211 a 212 verso - Petição de Ana Maria do Espírito Santo, que solicita uma passagem grátis para o Rio de Janeiro, a fim de viver em companhia de seu marido que foi enviado para a citada



Verena Alberti

Sou historiadora e professora de História, mestre em Antropologia, doutora em Teoria da Literatura e pós-doutora em Ensino de História. Já escrevi livros e artigos nas minhas áreas de estudo, e, de um tempo pra cá, venho me encantando também pela Literatura Infantil e Juvenil. Ano passado, participei da antologia “Quantas portas cabem numa porta” (Ed. Casa do Lobo) e estou curtindo a espera de mais dois livros novos que vêm por aí.

Eu queria que todos pudessem ler...

Carolina Maria de Jesus

“Estar na margem é fazer parte de um todo, mas fora do corpo principal (...)”

Devemos estar alertas para não incorreremos no erro de uma perspectiva unidimensional da realidade das mulheres”. – Bell Hooks

Alguém escrevia sobre como podemos otimizar o nosso tempo para ler mais, sob o argumento de que tudo é uma questão de prioridades. E lá pelo terceiro ponto listado, pensei em voz alta: “como deve ser bom viver sem pensar em sobrevivência”. A frase me veio assim amarga, como num rompante de raiva. Será que falaremos, agora, em meritocracia da leitura? Que realidades contemplam nosso discurso?

Eu queria que todos pudessem ler Carolina Maria de Jesus. E o verbo “ler”, aqui, encontra-se na margem oposta à decodificação de um texto; distante dessa leitura primária através da qual muitos já percorreram os registros da escritora preta favelada.

Abriam “Quarto de Despejo”, assombraram-se diante da miséria e chegaram à última página:

“26 de agosto A pior coisa do mundo é a fome.

(...) 1 de janeiro de 1960. Levantei as 5 horas e fui carregar água.”

Acalmaram seus corações embranquecidos e fecharam o livro – ilesos. Nem mesmo um arranhão.

Retomo meu desejo do início: eu queria que todos pudessem ler Carolina Maria de Jesus.

Mas penso a leitura como experiência daquilo que nos acontece através das palavras. Ler como uma experiência de formação, tal como aprendi com Larrosa (1). Essa leitura que apaga a fronteira entre o acontecimento do texto e aquilo que nos toca, nos transforma (ou nos re-forma). Ler como um atravessamento.

Porque quando eu leio Carolina...

Repenso a minha própria condição enquanto mulher-mãe e vou costurando suas palavras com outras realidades. Deixo-me ser invadida pela coragem e a resiliência de uma mulher preta que se fez escritora. Sinto revolta diante da fome. Percebo que se a leitura é um instrumento político de poder, a sua ausência é um projeto de exclusão social orquestrado pela branquitude.

As palavras de Carolina deixam portas e janelas abertas para que uma população, historicamente considerada inculta, possa reivindicar seu lugar na escrita. Nós somos da margem, mas somos muitas a caminhar em direção ao centro.

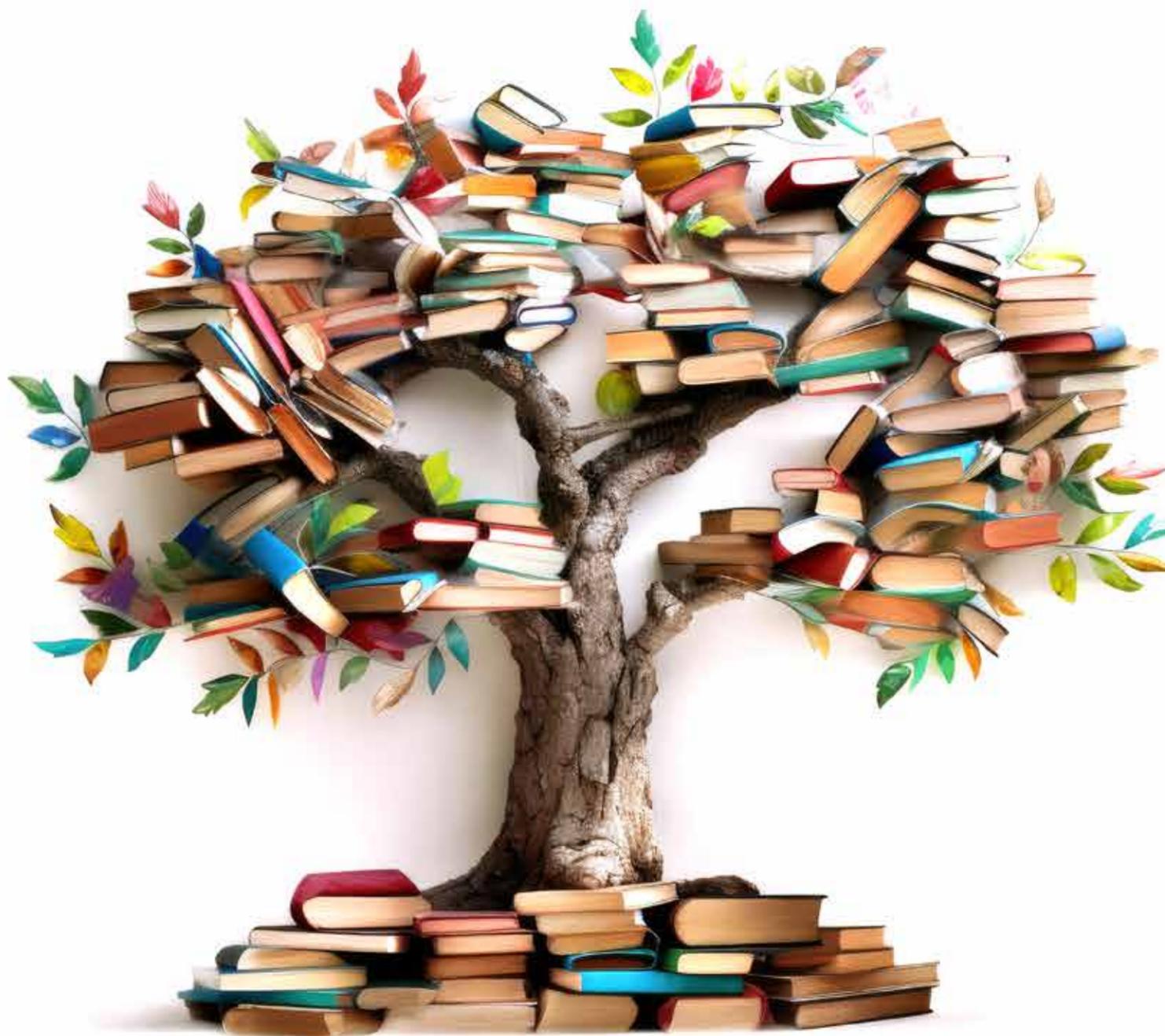
Eu queria que todos pudessem ler...
Carolina Maria de Jesus.



Erica Rabeljee

Sou mulher preta, mãe, imigrante. Da curiosidade pelas palavras, tornei-me Linguista. Me (re)encontro, todos os dias, na educação popular e no trabalho com/para as infâncias. Nasci carioca, mas meu corpo há anos é viajante. Gosto de trocar ideias sobre café, lugares e livros no meu perfil @erica_oazo.





Mediação de leitura:

construção de sentidos e partilha de afetos

Com Antonio Candido, aprendemos que a literatura é imprescindível para a formação humana. Com Yolanda Reyes (1), que os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para que seja possível que um livro e um leitor se encontrem.

A imagem de um livro em uma prateleira da biblioteca provoca o desejo de folhear, ver as ilustrações, olhar a capa com o tempo de uma eternidade. Como se fosse um objeto sagrado que abre caminhos, oportuniza viagens e muda destinos. Um sacrário de desejos compartilhados, de olhares e leituras diversos, por outra ótica e outra ética.

A leitura de um livro é a partilha da palavra por meio dos afetos trocados entre quem escreveu e quem o lê, ainda que a leitura não seja diretamente realizada pela pessoa leitora, mas pela pessoa que, com sua chave, destrava as portas para aquele que irá ouvi-la ou vê-la: a mediadora. É por meio da mediação de leitura que muitas pessoas ouvem, pela primeira vez, uma boa história, ficcional ou verídica.

Não é missão simplória, essa de mediar leituras para grupos constituídos por seres humanos tão diversos. Partilhar afetos por meio dos livros e textos e histórias é, sem dúvida, uma das tarefas mais arriscadas. Não se pode prever qual porta será aberta pela narrativa ou como reagirá aquela pessoa que a ouve ou lê. Ao mesmo tempo, é através da mediação que os olhares se encontram e se contrapõem, novas jornadas são empreendidas, novos sentidos são construídos e outras oportunidades de ver são compartilhadas.

Valter Hugo Mãe fala da biblioteca como uma família dos aeroportos (2), lugar de passagem, chegada e partida, partida e viagem. Neste espaço, parafraseando Mãe, cada um é convidado a viver uma experiência pessoal e intransferível: pousar sobre um livro. E, a partir de então, incluí-lo em sua jornada de leitor. Enquanto isso, aquela pessoa que fez a mediação de leitura segue seu caminho: plantando sementes e adubando a terra para outras colheitas.

(1) REYES, Yolanda. Mediadores de leitura. In: Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2016, s/p. em: 15 jul. 2016.

(2) Crônica de Valter Hugo Mãe no Jornal de Letras, 15 a 28 de maio Texto disponível em: <https://www.escrevendofuturo.org.br/conteudo/revista-digital/artigo/82/bibliotecas-de-valter-hugo-mae>



Érica Montenegro de Mélo

Sou pedagoga, mestra em Linguagem e especialista em Literatura infantojuvenil. Escritora e consultora literária, mediadora de leitura, contadora de histórias e cordelista, vivo imersa na literatura. Pesquiso as camadas da literatura e escrevi para as infâncias em 8 livros e dezenas de folhetos de cordel. Particpei de coletâneas com poemas e contos para públicos diversos. No perfil @encantodoconto discuto processos de formação de leitores e compartilho a rotina de uma biblioteca escolar no Recife.

Ler para ver

Uma experiência de mediação de um livro sem figuras

- Ué, não vai dar para ver nada...

Uma voz miúda se levanta diante da minha pergunta: Mas o que será que a gente vai conseguir ver num livro sem figuras?

A mediação de *O livro sem figuras*, de B. J. Novak, da Editora Intrínseca - começou muito antes do meu encontro com as crianças e suas famílias para uma manhã literária na escola. Na verdade, foi no meu primeiro contato com o livro que eu senti que essa mediação de leitura iria muito além do ler com/para o grupo - seria preciso inter-agir com o texto e dar novos sentidos para a narrativa que ele (des)constrói.

O livro de Novak é um convite ao deslocamento do leitor que, para além de ler, passa a "conversar" com o livro e fazer tudo o que ele manda - eu juro que é assim! A leitura se faz numa via de mão dupla - o texto depende de ações leitoras (e algum talento musical também, é preciso dizer!) para que as suas muitas camadas possam ser acessadas.

O livro parte daquela ideia muito comum entre crianças e sim, de muitos adultos, que o livro para a infância TEM que ter ilustrações. Como se para acessar o universo infantil através de um livro fosse sempre necessário o texto vir acompanhado de imagens.

É claro que durante a mediação de vários livros com ilustrações é muito comum ouvir as crianças perguntando "Tia, cadê? Tia, onde está?" referindo-se a algum personagem ou passagem da narrativa que eles esperam ver retratados. Sim, as crianças buscam pelas imagens e aí está a importância de se pensar na ilustração não como "retrato" do texto escrito, mas como a possibilidade de ver o que nem sempre o texto nos diz... mas isso é papo para outra coluna!

O - nosso - livro sem figuras já começa desafiando o leitor ao afirmar que ele pode até "achar que um livro sem figuras não vai ter graça nenhuma" mas estabelece (sem negociação!) um combinado com ele: "a pessoa que está lendo é obrigada a dizer tudinho que está escrito no livro."

E aí, foi que me veio a ideia de trazer as famílias para lerem o livro junto comigo. Para as crianças, foi uma grande surpresa pois nenhuma delas esperava ver o adulto que a acompanhava naquele momento lendo o livro comigo. E o mais insólito: lendo coisas como "Eu sou um tamanduá robô e a minha cabeça é feita de pizza de goiaba."

Hã? É isso mesmo que você acabou de ler. E não para por aí!

Cantorias engraçadas, afirmações esdrúxulas, palavras descontraídas, a cada página eu ia chamando um adulto da roda e era só começar a leitura para as gargalhadas se espalharem pelo salão. E não adiantava protestar, esse livro bobo, ridículo, e sem figuras, imagina... não deixa a gente parar de ler. Ou será que é a gente que não consegue?

Ao final da mediação, depois de nos recuperarmos de tanto rir, eu voltei com a pergunta: "E então, o que a gente conseguiu ver nesse livro sem figuras?"

Todas as crianças queriam falar ao mesmo tempo...

- O tamanduá com cara de pizza de goiaba!

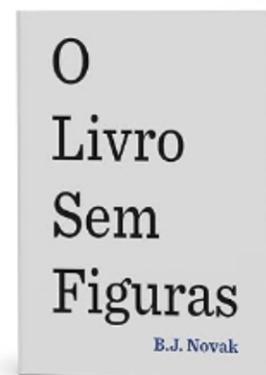
- O **Bum bum zinho!** (para saber quem é, só lendo o livro porque isso eu não conto!)

E a mais bonita (e confesso, inesperada) das respostas:

-Eu vi que eu sou a criança mais legal que já existiu! - e ouviu-se aquele coro: ahhhhhh...

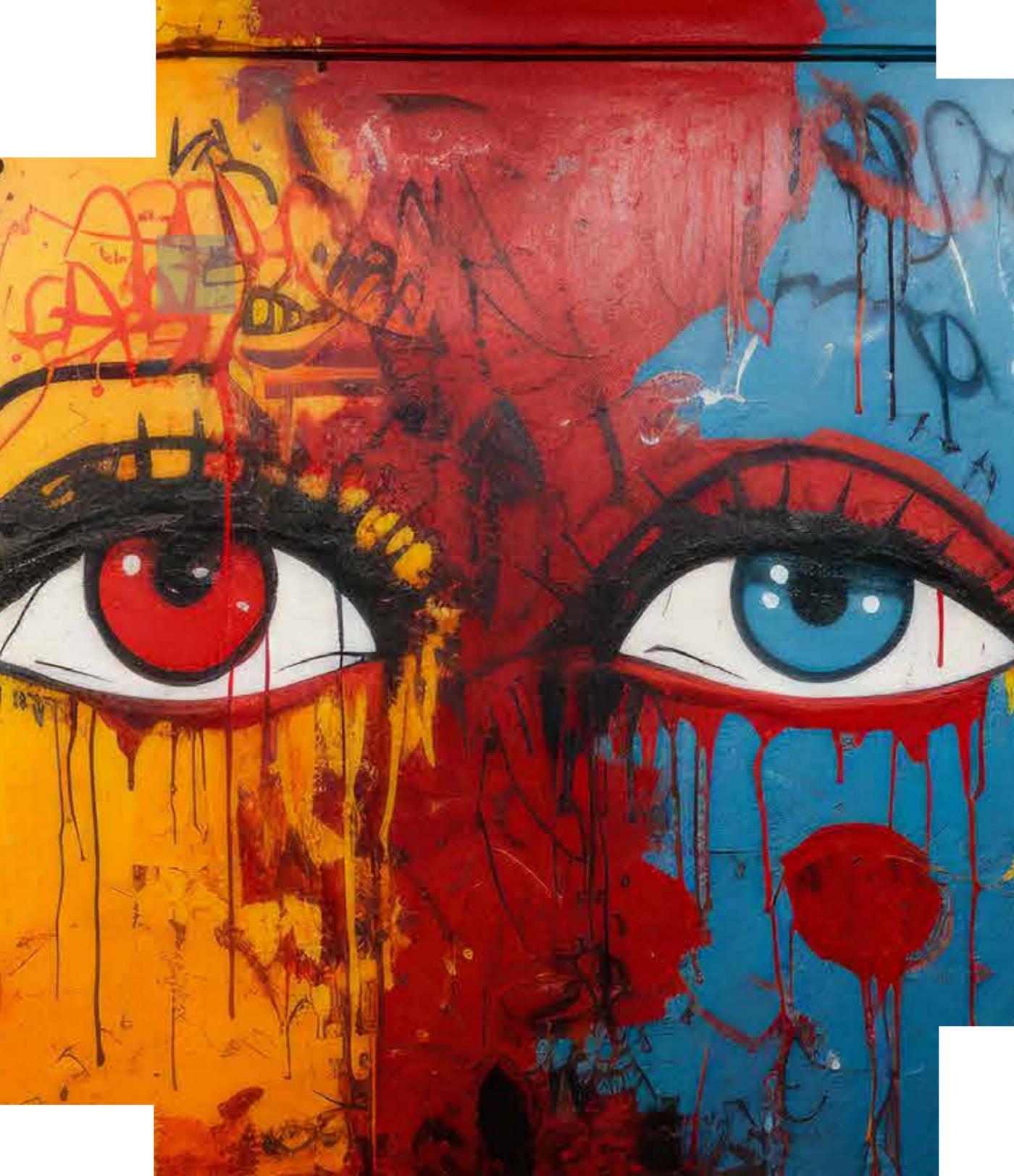
Pois é, um livro como esse é para ler e reler e brincar e rir e re-criar novas ideias. Mesmo sendo um livro MEFISTOFÉLICO.

TOING.



Cristina Ferreira

Sou professora apaixonada há 37 anos e sempre fiz da Literatura meu ponto de tecer encontros dentro e fora da sala de aula. Sou especialista no Livro para a Infância pela Casa Tombada, SP, e também faço parte da Oficina Literária da Anna Claudia Ramos, desde 2021, quando passei também a escrever as minhas histórias! No meu perfil do instagram @crismarquesferreira eu compartilho histórias, resenhas e muito bate-papo sobre leituras. Vou adorar te receber por lá!



Por que escrever?

Em seu livro *Cartas a um Jovem Poeta*, o escritor Rainer Maria Rilke orienta o jovem Franz Kappus: “investigue o motivo que o impele a escrever; comprove se ele estende as raízes até o ponto mais profundo do seu coração, confesse a si mesmo se o senhor morreria caso fosse proibido escrever.”

Releio essa reflexão e confesso que tem sido difícil escrever nos últimos dias. Começo e paro. Tudo parece pouco, diante do espanto pelo que nos cerca.

Leio notícias sobre a guerra, tão distante e ao mesmo tempo tão perto, e não encontro palavras para dar conta do horror. Outras guerras acontecem ao nosso lado, disfarçadas pela normalidade cotidiana, nas ruas, esquinas e sinais de trânsito, que expõem a vida na sua forma indigna e desumana.

Vazia de palavras, escrevo em busca de ar, numa tentativa de respirar por outras vias. Como se a palavra fosse um colete salva-vidas, me agarro a ela, buscando amenizar meu estado de ser gente, forte e frágil, simultaneamente.

A palavra humana – escrita, contada ou cantada – funciona como um bálsamo na pele que arde, como os sonhos que nos possibilitam suportar a realidade, por vezes incompreensível e dura de ser encarada em plena consciência.

Então, puxo um fio de esperança e busco imagens e palavras, faço nascer alguma nova, viro do avesso, remexo a caixa de afetos e escrevo para reiniciar a vida e curar as feridas.

Escrevo, mesmo sem ter a dimensão exata do alcance das minhas palavras, mas por acreditar que a literatura e a arte em geral são as frestas por onde entra a luz, dando acesso ao mundo simbólico, à imaginação e à construção de novos significados.

Escrevo por acreditar que a linguagem nos conecta com o sentir do outro e que a literatura é um encontro entre quem escreve e quem lê, um diálogo silencioso, alheio ao tempo e à distância, capaz de acolher, abraçar e compartilhar experiências e emoções.

Provocar encantamento, alimentar sonhos, produzir voz e silêncio. Eis o poder da literatura.

Escrevo para deixar palavras no meu lugar, como conchas deixadas na areia pelo mar. Para ficar, ainda que eu não esteja. Para permanecer nas bocas, nas folhas amareladas, na memória onde não passa o tempo.

Escrevo, pois ainda que em fragmentos, serei sempre e inteiramente um encontro.



Viviane Lucas

Sou psicóloga, professora e escritora. Em 2022 publiquei o livro de poemas *“Andarilha”* (Ed. Lura). *Um sonho, um respiro. Uma forma de dança. Acabei de lançar meu segundo livro. “Um lugar pra guardar imensidões é uma coletânea de poemas que falam das miudezas e grandezas da vida. Já participei também das antologias “Crônicas da Manhã” e “Onde canta o Sabiá” e sopro minhas palavras no Instagram @contosdaluanova.*

pode
entrar

crônicas
do cotidiano

Depois de tudo, tem mais

Ei, vim me desculpar por ter desistido da gente. Por querer mais do que só companhia. Por sonhar com presença.

Não pense que os erros foram exclusivamente seus. Erramos, os dois.

Nos desencontramos em alguma parte da estrada. Eu quis olhar pra além de nós, você enxergava só um, quando, pra mim, parceria é feita de dois inteiros que decidem se escolher todos os dias.

Será mesmo que erramos?

Pensando bem, acho que não.

Só mudamos. Depois de tantos anos, é natural que sejamos outras pessoas. E as nossas novas pessoas não se escolheriam, bem provável que nem se esbarrariam por aí.

Imagina eu dançando, rindo, bebendo o quinto *ping* de IPA e você sentado contando. Com 30, algumas diferenças parecem realmente excitantes, mas com 40 não dá pra colocar tudo na conta do fetiche.

Querer alguém que contraponha à nossa falta, que acenda luzinhas apagadas ou insistir em ter um outro alguém naquela pessoa é conversa pra terapia.

Analisa aí suas dores, tô analisando as minhas.

Veza ou outra, faz bem olhar só pra si, fazer as próprias escolhas, deixar de colocar o outro no centro do mundo.

Se aconchegue na solidão, não tenha medo. Ela vai fazer morada, ser a única companhia pro café e noites insones. Não tô falando da tal solitude, tô dizendo se ver totalmente sozinho. Mesmo!

Esse processo ensina a lutar pra chegar no dia seguinte, exercita a nossa compaixão, traz um olhar

mais generoso para os nossos buracos.

Vou te contar um segredo. Nossos abismos escondem lugares que só a gente pode entrar. E é um caminho sem volta. Não dá pra “desver” o que vimos por lá.

Mas é aí que o deslumbramento acontece. Depois de se encolher, se afogar na frustração, você pode se deixar engolir ou submergir. Vai voltar mais quebrado, porém, mais consciente.

Dói! Deixa doer.

Encara suas feridas, cuide de cada uma delas, não busque alguém pra fazer isso por você. Aprenda a estar só.

Assim, quem sabe, você esteja pronto pra partir novamente nessa viagem maluca, entrar em outro coração e permitir que conheçam o seu.

“Todo fim é um recomeço” não é totalmente verdade. Acredito que todo fim é uma oportunidade.

Se não aprendemos com o que acabou, vamos só reprisar a história, mudando os personagens.

Anseio por outros caminhos, por trilhas de mata fechada, abraços com gosto de sossego, pescoço com cheiro de “mora aqui” e uma cama que esconde coisas que eu não conheço.

Então, eu te deixo, pra começar de novo.

E desejo que você consiga ir.

Era um pedido de desculpas, mas, agora, pensei em dizer obrigada.



Nanda Guimarães

Eu sou a Nanda, mulher, mãe, escriba em desenvolvimento, contadora de histórias, caçadora de estrelas, apoiadora de mulheres, entusiasta da vida e do amor, das miudezas, dos sentimentos que viram palavras. Sou a pessoa por trás do Instagram @palavraemprosa e me aventurei na coragem pra colocar na pontinha dos dedos o que pulsa aqui dentro.

A Roca



Das estórias contadas à mesa do café, o episódio da roca era o que mais me cativava.

Logo eu, que vivamente me entretinha pelo feitiço das broas e dos pães de queijo; eu, –que ainda agora me distraio em qualquer discurso mais longo que um Tiktok –, era então arrebatada por aquele instante de história.

E assim se dava toda a coisa, em um deixar-me levar sem resistência até por fim me perder, me encantar e de novo me encontrar nos emaranhados daquela trama familiar, como se nada mais na vida importasse, além de uma imagem e um enredo.

Contam que meu avô, – Sebastião, como o santo que dá nome ao rio –, foi visto pelas bandas do brejo, carregando uma roca. A madeira tocando os ombros; o suor que tangia a pele.

Percorria o caminho à direção do Santo Inácio.

Quando o relevo alteou, já não sabia se era um homem a carregar a roca ou se ambos eram carregados pelos montes, que os impeliavam àquele misterioso destino: a roca era o presente de casamento, que ele próprio talhara.

No brilho da peça, o orgulho do trabalho bem feito e a insegurança de uma promessa: casaria com Francisca, mas o que poderia lhe ofertar?

Ansiava por encontrá-la, a Francisca, que mesmo com a bênção do pai fingiria surpresa, agradeceria a roca e diria, ao final, o poderoso “sim”, necessário aos enlaces.

Na arte daquela madeira, o tear engendraria tecidos e mais estórias, genes e gerações.

Era a fina linha do tempo que se tecia, nas batidas compassadas do pedal de tear.

A roda que se comunicava com o fio também sob ele deslizava, ora para ditar a costura, ora para tecer o tempo.

Até que em algum novembro Francisca morreu, ao dar à luz o quinto filho: coração com chagas de barbeiro.

E o compasso da roca, que como o tempo não se interrompe, viu Sebastião, já com os filhos crescidos, desposar Tereza, sua segunda mulher.

Da inscrição da roca, no entanto, ainda hoje se distinguem as duas letras daquela antiga promessa: F e S?

Não. C e T: para o amor de Chica e Tião.



Graziela Honorato

Sou graduada em Letras e Direito, mestre em Administração Pública e procuradora da Fazenda Nacional. Faço parte do coletivo Tributos a Elas, disseminando informações sobre as conquistas e as lutas feministas nas áreas jurídica e de políticas públicas. Me aproximei da Literatura Infantil quando me tornei mãe da Catarina e agora estou aprofundando meus mergulhos na Oficina Literária da escritora Anna Cláudia Ramos.

Tessituras



Vinham da cozinha as evidências de lar: cheiros de sopa fumegante, de café passado na hora, de pipoca saltando sob a tampa, de cachorro-quente, de macarrão à bolonhesa. A série pausada na TV esperava o momento seguinte.

A companhia no carro não era uma necessidade. Ela poderia ir sozinha para o trabalho, à casa da tia em apuros na luta desigual entre idosos e máquinas quase falantes, ao supermercado. Mas não queria. A vida a dois envolvia significâncias. Feito uma estátua à qual o artista acrescenta a última pincelada e lhe ordena: “Fala!”.

O cão percebia a simbiose e se encaixava nela. Sua espécie divergia, de muitas formas, daquela outra, dona do espaço. No entanto, havia pontos comuns que justificavam o consórcio forçado.

A confiança no amor partilhado, o sono na cama do casal em períodos de maior carência, os afagos espontâneos, a comida e água fresca à disposição sinalizavam convivência duradoura. O cão abanava o rabo, manifestando expectativa boa.

A dança no meio da sala, a geladeira abastecida, as paredes multicores, as fotografias no grande quadro do corredor, a cama desarrumada, o sofá cheio de pelos, a televisão cara demais embolada no orçamento com as asas de fora — o cotidiano nada insosso se ampliava em alegria de viver.

Se houve motivos claros, eles permaneceram nublados. Talvez não houvesse mesmo explicação, mas, aos poucos, e não nessa ordem, foi-se o desejo de contar novidades, de comentar fatos corriqueiros, de falar sobre projetos comuns, de dizer “bom dia, meu amor; sonhou comigo?”, de cantar desafinado para ouvir a gargalhada.

A mala pronta, o latido aflito do cão, a voz baixa para não ser mesmo ouvida: “Peço a alguém para apanhar o resto”. O que ficou para trás não poderia ser carregado. Silêncio pesado das palavras por dizer. Dor incurável pela inexistência do ponto machucado. Solidão de coisas e de memórias espalhadas pela casa.

“Adeus. Fique bem.”

“Até breve. Você também.”



Cidinha Ribeiro

Mineira nascida em Itapeverica e canceriana, sou deste jeito: alegre, afetuosa, romântica e determinada. Sou avó do Rafael e do Miguel e mãe adotiva de nove cachorros. Gosto de dançar, de conversar e de rotina. Leitora, escritora e paisagista, coleciono livros físicos e uma infinidade de plantas. Pedagoga de formação e aposentada, nunca perdi o interesse pela Educação e seus (des)caminhos. Dados sobre minha produção literária estão no perfil @umasenhoraescritora.

A bela e a fera

O conto-primeiro

A mágica dos contos clássicos é que mesmo não sendo possível o escrito escapar completamente da moral presente no espírito de quem o escreve, ele (o escrito) se completa na insubmissão dos sentidos que evoca e que atravessam a percepção de quem se dedica a lê-lo com olho e mente bem abertos.

O belo e o monstruoso, o justo e o injusto, o bem e o mal cabem todos na literatura. E a literatura não existe para se curvar a qualquer que seja a moral, embora ela mesma não se constitua sem uma. Isso me leva até "Larrosa que sabiamente nos diz que

"A literatura não reconhece nenhuma lei, nenhuma norma, nenhum valor. A literatura, como o demoníaco, só se define negativamente, pronunciando repetidamente o seu 'non serviam'. Tratando, claro, da condição humana, e da ação humana, oferece o belo e o monstruoso, o justo e o injusto, o virtuoso e o mau. E não se submete, ao menos em princípio, a nenhuma servidão."

A bela e a fera, conto popularizado por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont em sua revista Les magasins des enfants, em 1756, é o conto que trago para nos inquietar. Ao contrário do que ainda se pode pensar, esse não é um conto de Charles Perrault, que transformou a fera em dragão em sua versão. O conto-primeiro surgiu em 1740 pelas mãos de Gabrielle-Suzanne de Villeneuve, em seu romance intitulado La Jeune Américaine ou les contes marins. Madame Leprince tomou 'emprestado' de Madame de Villeneuve a fórmula do conto e esqueceu, como todos depois dela, de mencionar a autoria do conto que a inspirou. Um belo de um plágio à moda antiga. Se bem que Villeneuve escreveu sua história recompondo de outras histórias orais. É o fio interminável de nossas conexões criativas.

Em 1946 Jean Cocteau tornou o conto de Leprince ainda mais célebre com seu filme cujos detalhes com estátuas humanas podiam fazer referência ao mundo de fadas criado por Villeneuve na história original; mas, sobre isso, nada foi mencionado por Cocteau. Se você

ainda não fez, eu sugiro que assista ao filme de Cocteau e depois leia o conto de Leprince para buscar semelhanças e diferenças e se inquietar com as camadas. Isso feito, talvez você consiga me explicar porque Cocteau trocou a biblioteca do quarto de Bella, no conto, por uma floresta. Falando nisso, em 2014, o francês Christophe Gans fez outra adaptação fabulosa.

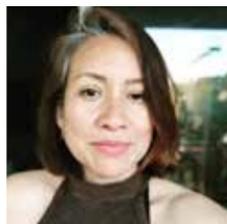
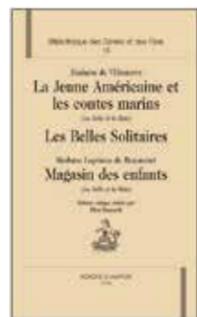
Não é de hoje que literatura e cinema oferecem o melhor dos ócios e geram as melhores conversas no doce far niente de nossas relações; além de atravessarem sem piedade nossa noção de humanidade. A comparação entre a obra escrita e a obra adaptada ao cinema é inevitável, mas resulta mais enriquecedora quando somos capazes de reconhecer que são duas linguagens diferentes. O cinema nunca busca a cópia perfeita do livro. Será sempre a realização de uma experiência leitora que se permitiu transbordar.

A Companhia das Letras possui uma edição com os contos de Leprince e Villeneuve, além das ilustrações de Walter Crane. Quem assina a tradução é André Telles. Vale a pena. Adianto já que se o conto de Leprince nos leva a pensar na relação entre o belo e o monstruoso, o homem feio (velho e rico) e a bela jovem (pobre), o bem e o mal e o afeto conquistado (ou comprado), o conto de Villeneuve nos pega por todos os lados dessas moedas. É riquíssimo. Neste, a mulher (fada) mais velha (e feia) que se apaixona por um jovem e que sofre rejeição ganha espaço na trama e as relações de poder ficam ainda mais escancaradas nos preconceitos que incitam.

Depois de assistir ao filme e ler os contos, sugiro um cruzamento com o livro O jovem, de Annie Ernaux, para uma significativa dose de literatura contemporânea. Isso tudo fica melhor ainda se seguido de um bom dedo de prosa com sua melhor companhia para 'refazer' o monstruoso mundo de belas e feras que cabe em nós.

"Larrosa, Jorge. 'Venenos y antidotos'. En: La experiencia de la lectura. Estudios sobre literatura y formación. Barcelona, Laertes, p 56, 1998. Acessível em: <https://suelenviana.wordpress.com/leituras/>

Reprodução de ilustração de Walter Crane



Suelen A.V.

Sou formada em Letras e Linguística. Sou também jardineira, leitora e mãe em tempo integral. Nas horas vagas, dou aula de inglês para crianças e compartilho conversas e ideias sobre livros e sobre nós, sem pressa, no perfil @livrinho.e.tanto.

Mãe guerreira

é nome bonito para mãe sobrecarregada

Foi rápido. Essas coisas chegam sem aviso. De repente eu não sentia o lado direito do meu rosto. A primeira coisa que pensei foi: não posso morrer agora! Quero ver minha filha crescer! E antes de correr para a emergência, precisei encontrar alguém que ficasse com ela.

O que era pra ser resolvido, supostamente, em uma tarde, com remédio, durou três longos dias de internação, a custo de exames e muita preocupação com coisas que não poderia resolver. A ajuda veio de uma rede de apoio, que eu nem sabia que tinha!, e formou-se quase instantaneamente.

Ficar internada me obrigou a olhar para a minha vida, para as cobranças, principalmente as autocobranças. E foi, a partir daí, que constatei não ser polvo, malabarista, nem milagreira, por mais que eu acreditasse que sim.

Se no início do ano minha pergunta era: "como darei conta de tudo?", hoje, a resposta veio a galope: não darei. Não por incompetência. Muito longe disso. As mulheres se cobram por coisas que, dificilmente, os homens se cobram. Não é à toa que a gente ouve muito mais se falar em "síndrome da impostora" do que em "síndrome do impostor".

Ajustamos horários, preparamos comida para a semana, trabalhamos, estudamos à noite. Nas horinhas que cabem, brincamos. E ainda sobra espaço para culpa. Essa (maldita!) culpa que carregamos como um acessório. Um acessório pesado!

Nunca um pingente. Muito mais como uma corrente.

Muito malabarismo para poucas mãos. Muitas demandas para uma única pessoa.

Muita mulher-mãe se vira nos 30.

Abdica da vida social quando tem um recém-nascido. Abre mão das noitadas para colocar a criança na cama. Desiste de almoçar sanduíche para ensinar a comer saudável. Desliga a televisão para dar o exemplo.

Quando se é mãe, os planos não devem morrer. É preciso traçar uma nova rota. Não necessariamente mudar o rumo, mas mudar o caminho para chegar lá. Talvez existam mais paradas. Mais desvios. Muito mais obstáculos. Precisamos priorizar o que realmente importa.

Desequilibrar a balança, porque engana-se quem acredita que equilíbrio é simetria. Muitas vezes ele consiste em quebrar pratos, colocar alguns no chão e carregar o que cabe na mão.

E longe de mim enaltecer a "mãe guerreira". Vocês sabem, né? Mãe guerreira é o nome bonito para a mãe sobrecarregada.

Nossa vida não deveria ser um número circense, onde, muitas vezes, somos malabaristas e palhaças.

Eu admiro a mãe que mergulhou fundo na maternidade, mas não afundou com ela. E me solidarizo com as que estão com suas bússolas desajustadas, procurando uma direção e apoio.



Ilustração:
Nicole Cardoso

Sou formada em Letras e pós-graduada em Literatura Infantil e Juvenil pela UFRJ. Mãe de um adolescente, pesquiso, reviso, ilustro, produzo e, se deixar, falo de livros ilustrados o tempo todo. Levemente obcecada por temas fraturantes na literatura infantil. E por gatos. (@_niccardoso)

Maternar nunca deveria ser um show de malabarismo, onde um polvo, e somente ele, se sairia bem. Nem deveria ser uma âncora, cuja única função é ser enterrada no fundo do mar.

Maternar deveria ser como guiar um submarino, que desce profundamente, mas emerge na hora certa. Antes que o oxigênio acabe.

Emergir e conseguir respirar profundamente. Se alegrar com as primeiras palavras e também com os primeiros contratos. Vibrar com os primeiros

passos e também com uma maratona. Satisfazer-se com a hora da leitura e também com um trabalho. Alegrar-se em acompanhar a tarefa de casa e também com a apresentação de um seminário.

O meu corpo não aguentou tanta (auto)cobrança e demanda. Eu derrubei (e sigo derrubando!) muito aro, quebrando muito prato, abdicando de muita coisa, mas percebi que o oxigênio estava acabando e eu precisava emergir antes de me afogar.



Raquel Cesário

Sou pedagoga, acadêmica de Fonoaudiologia e mãe de uma criança que gagueja. Por ela, me tornei autora de livros infantis. Sou também admiradora confessa do céu e das baleias. O que não sou é mulher de raízes, e, sim, de asas. Asas próprias. Escrevo no Instagram @raquel_cesario. Vai ser muito legal te receber por lá.

Primeiros passos na trilha da publicação

O nascimento de um livro é um encanto que não me cansa. Uma simples ideia na cabeça de alguém vai tomando páginas e mais páginas e mais páginas... A ansiedade do autor é a minha ansiedade. Suor, noites em claro, conversas, páginas deletadas, pesquisa, escrita e reescrita, mesa com pilhas e pilhas de referências...

De repente, no meio da noite, você acorda e acha aquela palavra exata para aquela frase no meio daquele capítulo. O entusiasmo toma conta de tudo, toma conta da vida!

São 30 anos de mercado editorial em diversos lados do balcão. E ainda parece mágica.

Mas a mágica precisa de uma trilha. O tão falado, temido e adorado caminho entre autor e editor. As páginas estão prontas, o encanto e o suor do autor estão ali formatados em um arquivo. É só "enter" para o editor. Mas chega a enxurrada de velhas perguntas que tiram o sono: "Como chegar numa editora? Como ser publicado pela primeira vez? Busco editoras que abrem editais? Tento autopublicação? Pesquiso catálogos e me jogo para tentar editoras maiores? Quando posso considerar meu texto pronto?" A cabeça não para tentando decidir entre essas portas que não são poucas...

Receita não há. Mas conversei com alguns profissionais do mercado editorial buscando dicas e conselhos para autores estreados.

Alex Andrade, escritor, editor da Besouros Abstêmios, criador do podcast Conta um conto, e semifinalista do Prêmio Oceanos 2023, acredita que a melhor dica é ter paciência, olhar atento aos concursos literários, procurar

se aproximar de outros escritores e criar elos que possam abrir novas oportunidades. E sugere ter uma rede de leitores para avaliar a obra, apontar detalhes e olhares diversos sobre o texto escrito.

Ruben Perez-Buendía, sociólogo, escritor, professor e pesquisador mexicano, diz que o mais importante é não esquecer a origem, o motivo e o sentido da sua escrita: "Quando escrevemos para crianças e jovens, essa força e crença que temos de comunicar algo que eles precisam saber é fundamental. E é dessa inquietude de nunca perder de vista o que queremos transmitir que surge um texto mais completo." Quando chega o momento de buscar a publicação, Ruben aconselha que o autor não pode se deixar levar pelo desespero ou pelo desejo de fama ou dinheiro. Vale buscar concursos ou convocações de pequenas editoras e também contar sua história a grupos de crianças e jovens ou a professores. Essa interação é um momento de aprendizagem, uma trilha que ajuda a escrever cada vez mais e aprofundar o estilo, ajuda a alimentar a própria escrita.

Sobre considerar o texto pronto, Rubén diz que há um momento em que é preciso largar o texto e seguir aprendendo no caminho: "Solte o texto com tranquilidade e convicção, confie no que escreveu e lhe deseje boa vida. E não pare de ler, de ouvir e de conversar porque isso é o que alimenta a alma de um escritor."

Já com Mariana Elia, jornalista e editora de infantojuvenil do grupo Ediouro, a prosa foi longa e trago aqui suas considerações e conselhos para o autor em desespero.



Qual dica você daria para um autor estreante, e provavelmente em bom grau de ansiedade, que vai enviar seu tão amado primeiro livro para uma editora?

Acho que o principal é fazer uma boa apresentação, uma boa defesa, que fale do livro, que tenha uma sinopse, mas que também mostre o que aquele livro traz além da história. Pensando no livro infantil: Tem um tema que é interessante para determinada faixa etária? Mexe com algo de interesse das crianças ou tem uma pegada mais voltada para educação, para escolas? Porque os professores se interessariam pela obra ou porque ela se destacaria aos olhos dos pais? O que nessa obra gera identificação tanto para o leitor criança como para quem compra? Qual o diferencial desse livro, o que ajuda a criança a se entregar para essa leitura?

Acredito que é importante ter uma proposta bem fundamentada e, claro, falar do autor, quem é, se está começando, o que chancela esse autor a escrever sobre esse tema, sua formação.

E ter paciência... Porque o caminho é longo. As editoras demoram e demoram muito para responder, demora até chegar na pessoa certa, demora para conseguir publicar... É preciso trabalhar um pouco essa longevidade do processo de edição. Se você faz um livro hoje, ele vai ser publicado daqui a muito tempo. É preciso entender isso, saber esses caminhos.

E a dica do que não fazer?

Cuidado para não parecer que você já tem tudo sobre seu livro na cabeça e não precisa de um editor. Por exemplo, muita gente chega com a ilustração pronta. Para editoras grandes isso pode ser um tiro no pé. Talvez funcione para editoras menores ou aquelas que têm um catálogo menor de livro infantil, que não têm muitas opções de ilustrador. Mas para editoras maiores é melhor sugerir o que você imagina de estilo de ilustração e deixar claro que você está aberto a conversar com o editor. Se você já chega com o pacote todo pronto, pode parecer que não está tão aberto ao diálogo. Acho interessante refletir sobre isso.

Caro autor estreante ansioso, junte todos esses conselhos, reflita, abra uma cerveja, tome um café ou uma taça de vinho e junte-se ao clube. Após 30 anos de mercado e apenas 1 ano do primeiro livro eu afirmo que dá trabalho, mas é inesquecível o momento do primeiro autógrafa. Vale todo o desespero! Palavra de assessora de imprensa, que virou livreira, que virou editora, que virou autora, mas segue sendo de tudo um pouco.



Bárbara Anaissi

Sou jornalista e especialista em formação do leitor em múltiplas linguagens. Estou no mundo dos livros desde 1993 atuando em diversas áreas. Em 2015 fundei a Macondo Casa Editorial onde, com minha sócia e um grupo de parceiros e amigos, trabalho projetos editoriais e educacionais que despertem afetos e sorrisos. Tenho textos nas coletâneas Biblioteca e ações de leitura e Quantas portas cabem numa porta?. Livros, cachorros, sol, mar, vinil, conversas e amores me ocupam por inteiro. (@barbaraanaissi / @macondocasaeditorial).

E a trilha para essa publicação? Qual caminho escolher?

É importante pensar o que você quer com seu livro. Quer que entre em programa governamental? Quer boa visibilidade em livrarias? Quer chegar bem em escolas? São editoras específicas com diferentes formas de trabalhar. Tem editora que vai trabalhar muito bem livraria e não vai trabalhar escola, por exemplo.

Aconselho também a buscar outros caminhos antes de tentar uma editora grande. A gente, por exemplo, raramente trabalha fora de agência literária. Temos nossos autores, temos pessoas que vamos descobrindo, mas se chega por um e-mail de SAC, por uma mensagem de Instagram, de qualquer coisa assim, é mais difícil porque é muita gente chegando e esse volume dificulta muito a triagem. Então, ser representado por uma agência pode facilitar nessa comunicação de chegar numa editora. É um caminho interessante para ter uma leitura crítica, uma leitura sensível da sua obra e tentar entrar naquela cartela de autores. Claro que isso exige um investimento, mas, se for possível, é um caminho a pensar. Pense também nos caminhos de prêmios e concursos, isso vai dando chancela pro autor. Se você tiver um autor já mais conhecido que aposte na sua obra e queira abrir essa porta também é bom, porque esse meio editorial funciona sempre na base da confiança.

Algum conselho final?

Existe aquele mito de que literatura infantil é mais fácil, né? Muita gente sabe bem que não é, mas muita gente acredita porque o texto é mais curto. Mas é o contrário, é mais complexa exatamente por ser um texto mais curto. Muita gente acha que pode começar com a literatura infantil por ser mais curto, mas na verdade se vê no problema de escrever um texto que seja interessante, atraente para a criança, que não seja didático. Meu conselho seria: Transmita sua ideia sem ser "tatibitate", sem dar tudo mastigadinho, não entregue tudo pro leitor.

prosa e verso

muito do que temos a dizer

2012



Banner, mesa, garrafa de água, seus livros empilhados.

Uma fila de fãs que ultrapassa a porta da livraria.

Você está sentado.

Um jovem casal caminha em sua direção.

Estendem o livro.

Seu livro.

Obra prima. Incrível. 5 de 5.

A crítica aplaude.

Seu livro.

Seu?

Você abre justo na epígrafe, que diz:

"Quando um deus cai, o universo inteiro desaba com ele"

Você dedica, depois rubrica.

Você sorri.

Eles agradecem e se vão.

Um homem caminha em sua direção.

O ciclo recomeça.

Você reconhece a próxima da fila.

Ela.

Estudaram juntos no primário.

A menina mais bonita da escola.

Séculos. Eras. Eóns atrás.

Bons tempos, aqueles.

?

Você sorri, sem desconfiar que a queda começou.

Era o finalzinho do recreio.

O chute passou longe.

Ela devolveu a bola.

Sorrindo para você.

Ela.

A menina dos olhos azuis.

— Olha! Eles estão se encarando,

como namorados! — Um garoto

berrou.

Gargalhadas.

Ela manteve o sorriso.

Você sentiu um arrepio.

Nunca haviam trocado uma palavra, e agora, aquilo.

Justo no último dia de aula.

E acabou.

Sua memória só vai até aqui.

Vocês só vão até aqui.

Nunca mais se viram.

Até hoje.

I-na-cre-di-tá-vel.

Ela estende o livro.

Você quer perguntar;

— Lembra de mim?

Esses olhos — você pensa;

É como se Deus misturasse Urano

com Netuno.

Hoje é você quem sorri.

]Ela coloca o livro assinado sobre

a mesa.

Depois coloca um caderno ao lado.

Começou, a queda.

— Meu cliente fez um curso seu, escrita criativa, há dez anos — ela diz.

Silêncio.

— Ele acredita que esse livro é um plágio desse caderno, dele.

Esse livro.

— Você copiou, descaradamente, trechos inteiros.

Seu livro.

— Temos provas retumbantes.

Os olhos dela faíscam.

— Avassaladoras.

Silêncio.

— Correções. Sugestões.

Ela pega o caderno,

— E-mails. Testemunhas.

Mas deixa o livro.

—Aguarde notícias nossas.

Ela se vai.

Um jovem caminha em sua direção.

Estende o livro.

Seu?

O ciclo recomeça.

A fila acaba.

Você ainda está sentado diante

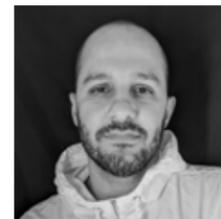
da pilha de livros.

As luzes se apagam.

A queda.

E quando um deus cai, o universo

inteiro desaba com ele.



Tiago de Souza

Nasci em Belford Roxo (RJ). Sou historiador e teólogo e fiz meu doutorado na área de Musicologia. Atualmente estudo as representações religiosas na literatura brasileira contemporânea. Para mim, a escrita serve como possibilidade para expressar aquilo que a realidade cotidiana nem sempre me permite postular. Tenho textos publicados em antologias e revistas literárias e, como músico profissional, venci os concursos Batuka! (Brasil, 2011) e Drummer of Tomorrow (Alemanha, 2012).

Uma carta tão longa

Um clássico da literatura negro-africana no Brasil

O processo de circulação das literaturas africanas no Brasil, apesar de iniciativas pontuais, foi e continua sendo muito lento. Mesmo diante do crescimento, nos últimos anos, a diversidade dos textos ainda é bastante limitada, tanto no que diz respeito ao país e a época em que foram produzidos, como também em relação ao gênero. Por questões históricas e de proximidade cultural e linguística, é mais comum que tenhamos acesso a autores africanos que escreveram ou escrevem em português — quando muito em inglês e/ou espanhol. As obras de autores africanos escritas em francês, especialmente as de autoria feminina, são realmente muito escassas.

Foi nesse contexto que iniciei minha trajetória como pesquisadora independente das literaturas africanas, mais especificamente as que fazem parte da francofonia. Assim conheci *Une si longue lettre* (Uma carta tão longa), da senegalesa Mariama Bâ, um clássico da literatura negro-africana recém-publicado no Brasil, pela editora Jandaíra.

O livro descortina a história de Ramatoulaye, mulher senegalesa que, diante da morte do marido Modou e do infortúnio de ter sido inserida num casamento polígâmico sem o seu consentimento, decide escrever uma carta (tão longa) para sua melhor amiga, confidenciando seu desgosto e revolta diante das injustiças a que foi vítima.

Ao longo da narrativa, Ramatoulaye entra num fluxo de compreensão progressiva de fatos anteriormente alheios a ela. Diante de uma espécie de tomada de consciência ao deparar-se com as mentiras e subterfúgios utilizados por Modou para se casar com a jovem Binetou, Ramatoulaye compartilha a dificuldade de assimilar as inúmeras violências que continua sofrendo, não apenas por causa do marido e de sua família, mas também por parte de uma sociedade falocêntrica, onde a existência das mulheres parece estar perpetuamente atrelada à vontade dos homens.

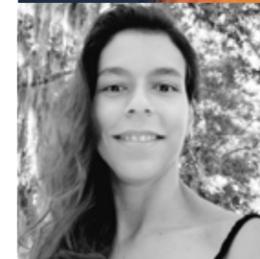
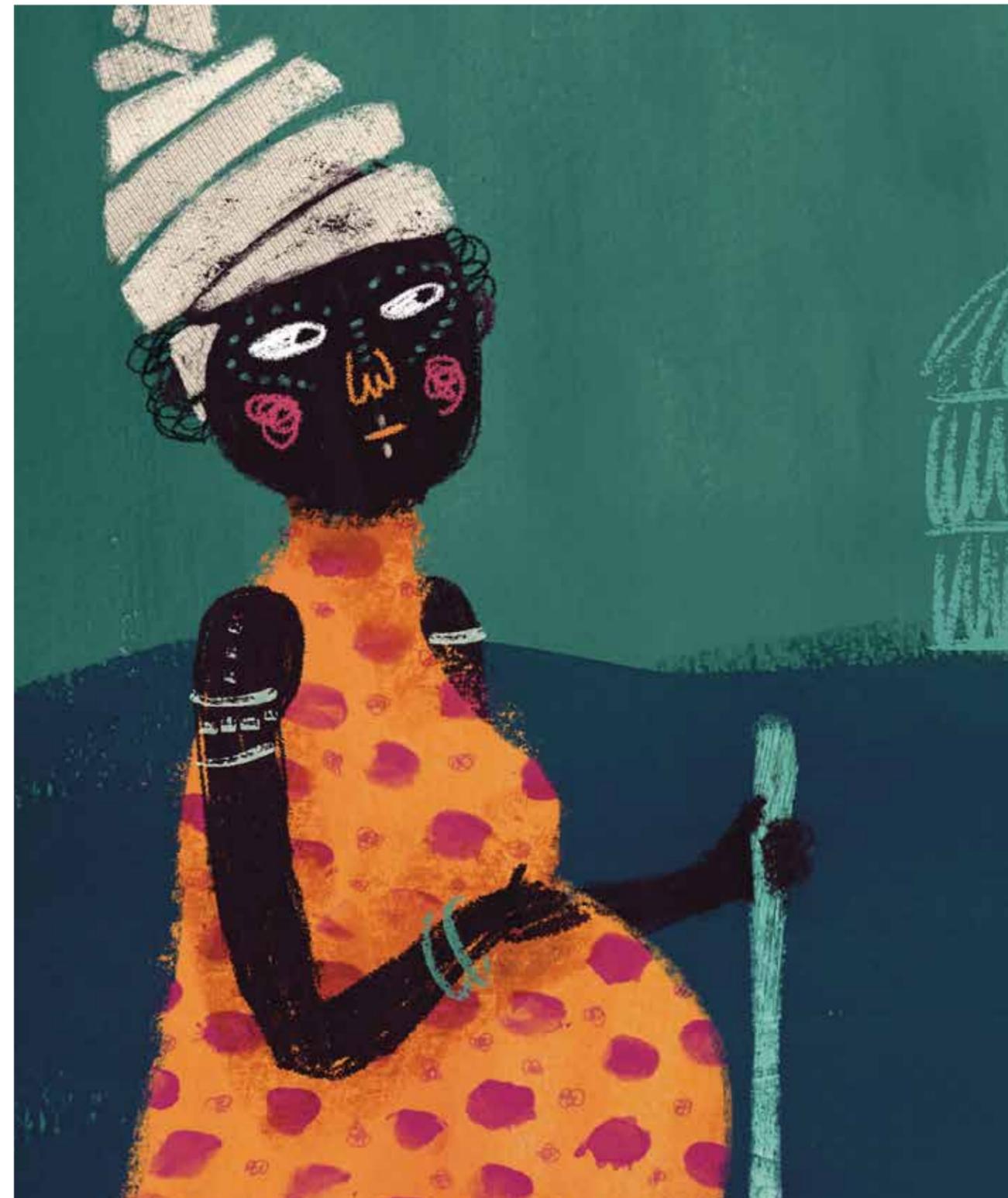


Ilustração: Ana Paula Franzoni

Sou ilustradora, mineira apaixonada pela terrinha e por pão de queijo e, atualmente, moro em Mogi Mirim (SP). Uso técnicas digitais e tradicionais para criar ilustrações aplicadas principalmente a livros ilustrados e produtos. Minha maior inspiração vem de "causos" do dia a dia. Quando não estou ilustrando, gosto de estar com minha família, em contato com a natureza. Espero sua visita em @anapaula_franzoni e www.anapaulafranzoni.com para te mostrar mais do meu trabalho. Se preferir, envie uma mensagem para apfranzoni.illustration@gmail.com

Considerado um romance epistolar e autobiográfico, o livro adota um tom confessional, estruturado no formato de carta/diário, descrevendo um ambiente doméstico e suas implicações. A narrativa apresenta similaridades entre a vida da autora e da personagem/narradora: ambas nascidas em famílias de prestígio, criadas nas tradições africana e muçulmana, mães de muitos filhos e que vivenciaram o divórcio. Não à toa a personagem/narradora evoca o ambiente escolar, descrevendo o universo da jovem aluna da Escola Normal de Rufisque, primeira escola destinada ao público feminino da África Ocidental Francesa - AFO (1). Assim como sua protagonista, num tempo em que a maioria da população não tinha acesso à escola, Mariama foi uma das raras mulheres alfabetizadas e formou-se professora.

Para além dos dados biográficos, é necessário enfatizar que a existência de uma instituição escolar e de cursos formativos voltados para o público feminino em África, apesar dos seus nefastos desdobramentos, causou uma fissura na lógica tradicional em que estas jovens estavam inseridas, pois, a partir do momento em que começaram a ter certa independência financeira e intelectual, passaram a reivindicar seus direitos e a questionar a lógica e os valores patriarcais.

Esse foi o caso de Mariama Bâ que, além de ter sido professora e de encabeçar organizações feministas em prol dos direitos das mulheres, lançou-se como escritora levando para as páginas não só a poligamia, mas também questões sensíveis relativas às realidades das mulheres senegalesas, como o casamento precoce, evasão escolar feminina, analfabetismo, o não direito à herança, entre outras.



Além de Mariama, destaco outras autoras – como Awa Thiam, Khady Koita, Paulina Chiziane, Ayobami Adebayo – que também versam sobre assuntos que impactam o status social feminino. Mesmo que elas sejam de diferentes lugares, diferentes épocas e gerações, estão em perfeito diálogo porque “trazem para a roda” demandas e desafios das mulheres negro-africanas.

A presença destas e de outras escritoras no universo ficcional inaugura outras formas de representação feminina na Literatura Africana Francófona, até então dominada pelo ponto de vista masculino. De papéis secundários, estereotipados e sem aprofundamento como mães, esposas e filhas, passam de sujeitadas a sujeitas, detendo a palavra, articulando e descrevendo seus próprios pensamentos, seus modos de ser e de viver. Esse movimento de elaborar um contradiscurso, que rompe com preceitos ideológicos do patriarcado, além de fazer com que a hegemonia masculina perca força diante da autoria feminina, produz uma onda de insurgências, pois, como afirma Grada Kilomba “Escrever é um ato político; quando uma mulher escreve, ela passa a ser autoridade de sua própria história, se opondo ao que o projeto colonial e patriarcal predeterminou”.

(1) África Ocidental Francesa: Federação de oito territórios franceses na África: Mauritânia, Senegal, Mali, Burquina Fasso, Benim, Guiné, Costa do Marfim e Níger.



Dayane Teixeira

Sou formada em Letras, atuante na área de museus, pesquisadora independente de Literatura Africana, Negro-brasileira e Indígena brasileira, e idealizadora da página literária @sy_jigeen. Sou também uma mulher cearense tentando resgatar seus laços ancestrais e aspirante a escritora.

Retrogosto do gim



O terceiro gole de gim morno desce suave, as notas cítricas e picantes remetem a tempos felizes. Fecho os olhos para sentir melhor os sabores da lembrança. Quando vou servir o segundo copo, avisto o Jorge, do outro lado da piscina, gargalhando. Seu braço musculoso e peludo enlaça a delgada cintura da minha colega de trabalho.

Os dedos indecentes margeiam as nádegas arredondadas dela, emolduradas pelo fio dental rosa-chiclete. Aquele toque era só borboleta revisitando flor, passarinho voltando para o ninho, era casa. Ela nem reage, segue contando uma anedota, e não para de sorrir para a patricinha à sua frente.

O Jorge, meu marido há 12 anos, sorve cada palavra da história, em goles demorados, fechando os olhos para

sentir a potência de cada nota. Eu tinha me afastado para pegar o gim, ele relaxou, a mão foi automática para o seu lugar de prazer, e a pele da Brenda a acolheu, feito cão que vira a barriga para ser acariciado.

Meu corpo segue autômato em direção a eles. O estalar do encontro do copo com o chão acorda Jorge de seu torpor, a mão dele, de repente, sente o calor da cintura dela e se retira, queimando. O dedo indicador dele vai direto para a boca, como que para aplacar a ardência. Ele me vê.

Quase vomito o gim. A dor não foi de corna, foi de órfã de devoção. Jorge nunca bebeu das minhas palavras, não comungou dos meus casos, não mergulhou nos meus devaneios. Em mim ele nunca se demorou.



Valéria Borges

Sou socióloga, com especialização em Relações Internacionais. Acredito no potencial do conhecimento para a transformação social. Vivo em Brasília, onde trabalho com Educação. Leio bastante, adoro café, escrevo menos do que gostaria, sou aprendiz de futevôlei e amo plantas.

Uma escritora na ilustração

Até os 35 anos, nunca havia tocado em um material de pintura. Minha criatividade fluía em palavras, poesias e contos. Num período em que estava buscando novas formas de conexão com o mundo, me inscrevi em um curso de aquarela.

Fiquei encantada – ilustração digital, aquarela, pintura acrílica, a óleo, desenho realista e abstrato. As aulas com o professor Sérgio Gomes, no Grifo Studio, em Recife, foram ficando mais frequentes. Minha admiração aumentava, mas continuava me sentindo muito limitada.

A verdade é que eu tinha uma dificuldade enorme (de iniciante?). Nas aulas, tentava encontrar meus traços. Apagava. Refazia. Apagava. Só depois da ajuda do professor com o desenho, me permitia arriscar umas cores com o pincel.

Por muito tempo, só consegui pintar nas aulas presenciais. Pouco praticava em casa. Era como se minha mente se recusasse a passear por novas formas de expressão sem supervisão. Autossabotagem ou procrastinação? Ao mesmo tempo, uma espécie de mantra ecoava em mim: “O processo criativo pode ter diversos caminhos. Você não precisa ter pressa.”

Até que uma pergunta foi ganhando força na minha cabeça: será que eu conseguiria ilustrar meu próprio livro?

Em 2021, comecei a paquerar o perfil e o site da Usina de Imagens, que umas amigas haviam recomendado. Fiquei apaixonada pela proposta das mestras Rosinha e Anabella Lopez, duas grandes ilustradoras, que eu já acompanhava fazia tempo. Fiz a inscrição para o módulo online de Linguagem Gráfica. Não consegui acompanhar.

No segundo semestre de 2022, insisti. Dessa vez com o módulo de Morfologia. A cada aula, um novo aprendizado: técnicas de colagem, contrastes e formas... pela primeira vez, me senti mais próxima da linguagem artística.

Em 2023, o módulo de Personagens me deixou ainda mais encantada. As mestras nos instigavam a criar personagens com sentimentos, caminhos e características próprias. A vontade era grande, as ideias borbulhavam, mas eu ainda esbarrava em alguns percalços para iniciar. Apesar da dificuldade, dessa vez sentia como se uma fresta de luz me conectasse ao novo, ao intuitivo, ao meu processo criativo.

Ao final do módulo, a turma foi desafiada a fazer um livro sanfonado. Algumas ideias, memórias afetivas e inconscientes vieram à tona. Desse exercício, surgiu meu primeiro personagem autoral, feito com caneta nanquim e colagem. Que felicidade! Minha primeira narrativa

criada sem palavras: *Se essa rua fosse minha.*

No exercício seguinte, oito personagens (!) para ilustrar vidas que se cruzaram em um ônibus a caminho de casa, do trabalho, do hospital, da escola. Batizei meu livro de imagens artesanais com o título *Histórias*.

O terceiro desafio veio na forma de um concurso promovido pela Usina de Imagens. A proposta consistia em criar ilustrações com temas específicos (comida, mar, orquídea, emoção e São João, nesta ordem), que, em sequência, fizessem sentido. A coragem de compartilhar o resultado com minha rede de amigas gerou uma certeza: A história não era somente minha. Se multiplicava em enredos criados por cada pessoa que “lia” as imagens que eu criei.

Lá se vão quatro anos nessa busca da ilustradora que me habita. A arte é um presente. Me faz presente e me traz humanidade. O desejo de publicar um livro escrito e ilustrado por mim permanece. Agora com a confiança de que o processo de criação tem um tempo próprio. O meu está amadurecendo. Aposto que o seu também.



Leila Fernanda Arruda

Gosto de saber que sou uma bordadora do pensar. Sou servidora pública e também escritora e contadora de histórias. Agora tenho me aventurado pelo mundo da ilustração. Faço parte do Coletivo Teia Literária Vozes desde a sua fundação e tenho textos nas antologias *Ecoss da resistência* (2021), *Cartas para o futuro* (2022), *Mulherio das Letras Portugal* (2022) e *Poetize* (2022). Escrevo também sobre as autoras do coletivo e as teias que nos unem no perfil @teialiterariavozes.

Deixa o novo entrar

Sou ariana, isso já é uma baita identidade!

A astrologia diz que sou alegre, extrovertida, impetuosa. Ops, não sou nada impetuosa! Por ter a lua em capricórnio, adoro uma segurança, um planejamento, uma previsibilidade.

Sou uma pessoa de ação e saber que realizei uma tarefa me faz bem. Então, desde jovem, todo início de ano elaboro uma lista de desejos. Me permito colocar até mais do que eu pretendo realizar. Vai que acontece! Nunca faltam as coisas práticas: pintar a sala, trocar as cortinas, ir ao dentista, ao médico, trocar meus óculos, festejar os aniversários em família, emagrecer tantos quilos...

Volta e meia visito a lista e tenho o maior prazer em ticar o que já realizei! Este ano está tudo caminhando bem, eu penso.

Só que, há dois anos, comecei a fazer (um pouco) diferente.

Continuo com a lista, mas os desejos não são tão materiais. Agora coloco: ir mais à praia, sair com as minhas amigas, dar mais atenção aos meus pais, estudar mais astrologia, ler pelo menos um livro por mês, continuar indo à academia, escrever com mais frequência... e, o mais importante!, deixar o novo entrar!

Que difícil isso!

E se o novo for ruim? Se eu não gostar? E quem disse que a vida pede licença? Os planejamentos se adequam. Mudar a nossa forma de lidar com o inesperado pode determinar o rumo do que está por vir.

Estando mais aberta, o novo realmente se apresenta. Aí está o grande barato!

Pertinho do ano acabar, ando revisitando minha lista e me surpreendi com tantas coisas que não planejei e que foram parte importante da minha história.

Em outubro, viajei com minha filha Maria Clara para a Chapada dos Veadeiros. Você diria que tem tudo a ver com uma ariana, mas não comigo. Sou medrosa e aquelas trilhas com mil subidas e descidas eram um desafio para mim. Consegui fazer altas metáforas em relação à minha vida e, posso garantir, foi uma das maiores experiências que já vivi. Deixei toda a programação a cargo dela e gostei da sensação. Não estava “no controle”. E isso foi libertador.

Deixei fluir aquela água toda das cachoeiras na minha pele, me conectei comigo, com ela e com a natureza. Descobri que aguento mais do que imaginei. E me senti plena, feliz!

Ainda faltam dois meses pro ano acabar e convido você a fazer as suas listas. A de desejos para 2024 e outra, dos momentos inesperados de 2023.

Aproveita e agradece tudo que viveu. Aprender a enxergar o copo cheio é um exercício que precisa de repetições. E esse movimento é fundamental para nos tirar do lugar, da mesmice.

Como já dizia aquela banda dos anos 80, “no balanço das horas tudo pode mudar!”

Bora balançar! Tomar um bom impulso para aterrissar com o pé direito.



Fernanda Godinho

Sou mãe de três, escritora, professora e colecionadora de museus. Nasci no Rio, mas me sinto à vontade em qualquer lugar. Sou coautora da coleção *A turma da Horta Viva* (Ed.Zit) e participei da antologia *Quantas Portas Cabem numa Porta* (Ed. Casa do Lobo). Além de Literatura, amo a natureza e todas as formas de arte. Depois que me aposentei das salas de aula, comecei a trabalhar com formação de professores e tenho dedicado ainda mais meu olhar para registrar minhas andanças no perfil @portinhola.s

letramiúda

Para quem gosta de ler nas entrelinhas

EXPEDIENTE:

Letra Miúda

Para quem gosta de ler nas entrelinhas

Nº. 2 – outubro 23

www.letراميуда.com.br

Instagram: @letراميುದarevista

letراميುದarevista@gmail.com

EDITORAS:

Fernanda Baroni

Natália Fonseca

PROJETO EDITORIAL:

Fernanda Baroni

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE:

Jeff Barros

DIAGRAMAÇÃO:

Jeff Barros

REVISÃO:

Natália Fonseca

ILUSTRAÇÕES:

Ana Paula Franzoni - pág. 37

Nicole Cardoso - pág. 31

COLUNISTAS:

Bárbara Anaissi

Cristina Ferreira

Dayane Teixeira

Erica Montenegro de Mélo

Erica Rabbeljee

Fernanda Baroni

Fernanda Godinho

Graziela Honorato

Leila Fernanda Arruda

Nanda Guimarães

Natália Fonseca

Raquel Cesário

Suelen d'Andrade Viana

Verena Alberti

Viviane Lucas

AUTORES CONVIDADOS:

Cidinha Ribeiro

Polyanna Gomes

Valéria Borges

Tiago de Souza

Vamos continuar batendo papo sobre Literatura?
Segue a gente no Instagram: @letراميುದarevista.